

Futuro e ancestralidade na ficção científica

Jade Rocha Nobre¹

“Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui.” Ailton Krenak

A epígrafe que abre este texto evoca um movimento temporal em que o futuro e o passado se encontram, um futuro ancestral. Ao falar dos rios, Krenak aponta para a fluidez, para aquilo que se transforma e permanece. A água do rio está sempre correndo, é sempre outra, seu curso pode mudar, desembocar em outro rio e apesar dessas transformações, o rio permanece existindo. Assim como o rio, os processos históricos que vemos e veremos se desdobrar ao longo do tempo podem sofrer transformações, mas resultam de algo que já existia anteriormente, por isso também é possível prever o futuro, afinal, como afirmou Asimov, “quem vê o óbvio prediz o inevitável”. Assim, a rememoração do passado é essencial para a construção de uma identidade, bem como para a tomada de consciência sobre os processos históricos que atravessam nossa existência. Lembramos para saber de onde viemos e para saber pra onde vamos. Passado, presente e futuro não são tempos independentes, são uma sucessão de momentos que se vinculam uns aos outros e por vezes coexistem. Os desafios que enfrentamos hoje enquanto sociedade são, portanto, fruto dos eventos passados e as atitudes que temos frente a esses desafios, hoje, engendram o nosso amanhã.

Muitas vezes conhecidas por preverem o futuro, as obras de ficção científica estabelecem uma relação interessante com a temporalidade, criando um imaginário de futuro ao mesmo tempo em que rememoram eventos históricos. Se, por um lado, o imaginário popular costuma associar as obras de FC² à predição do futuro, os teóricos do gênero apontam para seu caráter histórico, sendo a ambientação em um tempo por vir uma estratégia narrativa para garantir a plausibilidade da obra. De maneira geral, podemos dizer que a FC é um gênero literário que se pauta na racionalidade e no pensamento científico para elaborar narrativas que funcionem como um experimento mental, como se perguntasse: e se tal coisa se desse de tal maneira? Ainda que estabeleça uma forte relação com as tecnologias, nem sempre a FC se

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela UFMG. Mestre em literatura pela UnB. Bacharela e licenciada pela UnB.

² Ficção científica.

dedica a temas relativos às ciências duras, pelo contrário, como afirma Adam Roberts (2000), frequentemente são questionamentos de cunho filosófico, social, histórico ou psicológico que surgem nas narrativas do gênero.

A presente comunicação tem como objetivo analisar a relação entre futuro e ancestralidade nas obras de ficção científica, mais especificamente no conto *O show tem que continuar*, de Lavínia Rocha (2021) e no romance *The Word For World Is Forest* (1979), de Ursula K. Le Guin. Ambientadas em um futuro distante, as duas narrativas retomam temáticas históricas e podem ser relacionadas a partir da temática do colonialismo. Escrito pela autora brasileira Lavínia Rocha, o conto *O show tem que continuar* é uma obra afrofuturista que imagina o futuro das pessoas negras no Brasil, levando em consideração os processos históricos que engendraram questões raciais, como o colonialismo e a escravidão. Já a obra da escritora americana Ursula Le Guin foi publicada logo após a guerra do vietnã e faz críticas ao imperialismo e ao colonialismo. A leitura do romance *The Word For World Is Forest* a partir de uma perspectiva brasileira gera reflexões sobre o processo de colonização do Brasil, principalmente no que diz respeito à relação com os povos originários e com a natureza. As duas obras, ainda que tragam inovações tecnológicas, estão mais relacionadas às questões relativas às ciências humanas, principalmente a história e a sociologia, e permitem uma crítica ao colonialismo enquanto um modo de operar que suprime a diversidade humana, assim como a biodiversidade.

Afrofuturismo é o nome de um movimento filosófico, político e artístico que objetiva imaginar futuros para as pessoas negras. As obras literárias afrofuturistas transitam entre a ficção científica e a fantasia ao mesmo tempo em que abordam a experiência negra. Apesar de o nome fazer referência ao futuro, não necessariamente as narrativas afrofuturistas devem ser ambientadas no futuro, no entanto, uma das premissas que sustentam o movimento é de que o resgate do passado é essencial para a construção de um futuro. Na distopia *1984*, de George Orwell, o *slogan* do partido afirma: “Quem controla o passado, controla o futuro; quem controla o presente controla o passado”. Na obra de Orwell, o passado é reeditado constantemente pelo Ministério da Verdade, a fim de justificar as ações do partido. Nesse sentido, entende-se que a afirmação “quem controla o passado, controla o futuro” aponta para um vínculo entre passado e futuro, segundo o qual quem escreve a história e elege os momentos que serão narrados por ela detém o poder para escrever o futuro. A história é inapreensível em sua totalidade, não há como contar todos os eventos que se deram na história da humanidade, muito menos todas as perspectivas desses eventos. Assim, quando um historiador elege contar um evento em detrimento de outro, ele imprime sua subjetividade no

acontecimento. A maneira como um evento é descrito, os adjetivos que são escolhidos para caracterizá-lo também imprimem a perspectiva do historiador. Crítico à historiografia burguesa, Walter Benjamin afirma que a história é sempre contada do ponto de vista do vencedor. Se a história vem sempre a partir da visão de mundo dos vencedores, aqueles que dominaram aos outros durante os processos históricos e, por isso, controlam o presente hoje, a escrita do futuro muito provavelmente também os privilegiará. Nesse sentido, as obras de ficção que analisamos aqui possibilitam que aqueles que foram vítimas de um esquecimento programado agora tenham sua história lembrada por meio da literatura, fazendo um movimento de trazer certas pessoas e situações da margem para o centro da ação ficcional. Intimamente relacionadas, a realidade e a ficção se permeiam a medida que a rememoração da história das pessoas negras e dos povos originários do nosso país nos permite imaginar um futuro comum dentro e fora do universo ficcional.

Assim, como afirmado anteriormente, ainda que as obras literárias que pretendemos analisar tratem de um futuro ficcional, elas remetem a um passado real. O conto *O show tem que continuar*, de Lavínia Rocha, narra a história de Yolunna e Azuka, duas assistentes divinas criadas pelos Grandes Ancestrais para programarem códigos que desfaçam aqueles criados pelos Outros, responsáveis por códigos como a *colonização*, a *escravidão*, a *solidão da mulher negra*, dentre outros. É como se a narrativa se passasse em outra realidade em que a vida dos humanos na Terra é uma espécie de realidade virtual criada por códigos, e houvessem dois grupos tentando programar o modo de operar dessa realidade: os Grandes Ancestrais e os Outros. Ainda que lutem para desfazer os códigos dos Outros, a equipe criada pelos Grandes Ancestrais nunca consegue de fato acabar com o sofrimento do povo negro, pois os códigos são continuamente reescritos:

Os humanos dos Outros reinventavam as formas de se manter no poder, e em todas as relações parecia haver um fragmento do código “escravidão”. Era óbvio: ele não havia sido quebrado por completo, fora apenas reconfigurado, exatamente como Azuka suspeitava. (p. 63)

Ao associar a realidade humana a uma realidade virtual, a narrativa propõe que pensemos a colonização e a escravidão como tecnologias de domínio de outros povos que não tiveram fim, apenas foram reconfiguradas. Dessa forma, enquanto os humanos acreditam que superaram o passado, na verdade, ele segue se desenrolando, porém com uma aparência diferente. De maneira que fragmentos do código *escravidão* seguem existindo em outros códigos, como a *meritocracia*. Para compreender como esses códigos funcionam e são

reescritos, perpetuando-se na sociedade, Yolunna precisa conhecer a história do Brasil. O movimento de retomar a história para entender o presente indica a necessidade de trazê-lo à tona por meio da memória. Dito isso, e pensando a partir da metáfora do colonialismo e da escravidão enquanto tecnologias, podemos apontar que o funcionamento dessas tecnologias é pautado no apagamento da história e da cultura das pessoas trazidas da África para o Brasil. Diversas estratégias foram usadas para enfraquecer a tradição, a memória e a cultura das pessoas negras, como a separação de famílias e de conterrâneos na sua chegada ao Brasil, além da proibição de práticas religiosas, linguísticas, culturais. O apagamento da memória é um modo de operar que foi usado diversas vezes ao longo da história com a finalidade de suprimir povos, modo de pensar, culturas e modos de organização política e a maneira de combatê-lo é justamente a partir do exercício de memória. Nesse sentido, a ficção é uma grande aliada já que permite a retomada dos eventos históricos não apenas como se deram, mas como poderiam ter sido e como podem ser. O universo ficcional das obras analisadas permite a rememoração de eventos históricos e a imaginação de futuros em que ao nos depararmos com seus desdobramentos, seja possível através do conhecimento da história e da cultura, superá-lo, assim como Yolunna e Azuka.

Iniciada com as grandes navegações, a colonização das Américas promoveu a busca por terras para expansão territorial e para a exploração de matéria-prima, o que acarretou no enriquecimento de países da Europa. A depender do objetivo, podemos caracterizar esses processos como colonização de povoamento ou de exploração. As iniciativas que tiveram como intento a expansão territorial e o povoamento da colônia, como foi o caso dos Estados Unidos e do Canadá, são exemplos de colonizações de povoamento, que intentaram o desenvolvimento da colônia, de maneira que as riquezas ali encontradas, lá permaneceram, o que teve como consequência econômica o enriquecimento e desenvolvimento desses países e questões sociais advindas da escravidão. Já os países que foram colonizados para a exploração de matéria-prima foram vítimas da colonização de exploração, como é o caso de diversos países da América Latina, inclusive o Brasil; como consequência, sofrem até hoje com o desigualdades econômicas e sociais.

As empreitadas colonizatórias suprimiram populações locais e suas culturas, além de terem causado a diáspora africana. Além da opressão nas relações entre seres humanos, a colonização, principalmente as de exploração, que tinham o extrativismo como propósito, estabeleceram relações predatórias com a natureza. Ao chegarem às Américas, os Europeus fizeram seu modo de vida imperar sobre os outros, saquearam países, impuseram sua cultura e o trabalho forçado a outros povos e sujeitaram a flora e a fauna aos seus interesses

econômicos, tudo isso em prol do desenvolvimento e do progresso. O romance *The Word For World Is Forest*, de Ursula K. Le Guin é uma narrativa de ficção científica escrita após a guerra do Vietnã e que traz reflexões sobre o imperialismo e a colonização. Apesar de escrita nesse contexto histórico, a obra permite outras leituras, e, de uma perspectiva brasileira, parece muito evidente a associação com a colonização do Brasil e outros países, visto que a narrativa conta a história da chegada dos terráqueos em Athshe e sua tentativa de colonização do planeta, com fins extrativistas. Athshe significa ao mesmo tempo floresta e mundo, o que dá pistas sobre a cosmovisão de seu povo nativo. Para eles, a floresta é o mundo que eles integram:

A integração dentro de um organismo, um ecossistema, uma biorregião, uma família ou uma comunidade sinaliza um estado de ser no qual dádivas de bem-estar podem fluir. Tornar-se integral, tal qual a qualidade semelhante de possuir integridade, significa trabalhar em conjunto de forma harmoniosa, aprimorando e complementando um ao outro, apoiando o florescimento mútuo, respeitando identidades diferentes e fronteiras apropriadas e vivendo a união na diversidade. (CRIST, 2022, p. 55)

A partir da descrição de integração com o um ecossistema, podemos apontar que os habitantes de Athshe trabalham em conjunto de forma harmoniosa a fim de apoiar o florescimento da floresta e de seu povo, entendendo suas divergências e vivendo em união. Nesse sentido, eles formam – do ponto de vista dos terráqueos – uma sociedade estática, pois atingiram uma espécie de homeostase com o meio e entre si. Isso significa que os athsheanos são uma sociedade sem guerra e que eles direcionam sua energia para a manutenção da harmonia entre sociedade e natureza. Os humanos vindos da Terra, pelo contrário, veem a floresta como uma fonte de matéria-prima, de recursos que serão usados para garantir a evolução humana. A maneira como ambas as sociedades se relacionam com a floresta também indica as relações que se dão entre os integrantes da própria sociedade e entre os dois povos. Enquanto os athsheanos são uma sociedade sem guerras e que mantém a equidade entre os sujeitos que a compõem, os terráqueos estabelecem relações de poder entre homens e mulheres, brancos e negros, humanos e humanoides, sociedade e natureza.

Ao mesmo tempo que retoma processos históricos como as empreitadas imperialistas e colonizatórias, o romance de Le Guin também remete a um saber ancestral, um saber dos povos originários que estabelecem relações entre si e com outros seres vivos de respeito e cuidado, assim como integram o ambiente em que vivem, sem se colocar à parte dele, permitindo que dádivas de bem-estar fluam. Dessa forma, o romance colhe da realidade elementos para elaborar um mundo no qual vemos esse embate entre a perspectiva do colonizado e do colonizador. Mas se a história privilegiou por séculos a perspectiva do vencedor, a ficção nos dá ou-

tra perspectiva ao dar enfoque a Selver, um ashtheano e exímio sonhador, que acessa o tempo dos sonhos para agir no tempo do mundo. Seu modo de viver não é calcado nos dualismos que a sociedade ocidental instaura como: humano x natureza, racional x emocional. Esse modo de viver, suprimido pela colonização e pelo capitalismo, tem sido retomado nos últimos tempos no meio acadêmico como uma tentativa de se pensar alternativas ao modo predatório que tem guiado as práticas hegemônicas ao redor do mundo e que culminaram nas relações de opressão, bem como na crise ambiental que enfrentamos. No entanto está longe de ser algo novo, o que observamos é a retomada de saberes ancestrais, quase esquecidos, para a construção de um futuro de justiça social e ambiental. Nesse sentido, a ficção faz o reflorestamento do imaginário, quase extinto pela monocultura ocidental e colonial. Em ressonância com Silvia Federici (2022), cabe apontar que relembrar esses a história de povos e culturas que foram e são constitutivos para nossa sociedade não tem como intuito romantizar identidades e etnias ou promover uma retomada nostálgica desses modos de vida, e sim objetiva ampliar o horizonte, ao sugerir que nosso desejo de construir um futuro em que seja possível ir além do modo de vida capitalista não é uma utopia. Outros modos de vida, mais comunais, não só são possíveis, como existiram e continuam sendo criados e resistindo aos ataques capitalistas.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Teoria do conhecimento, teoria do progresso*. In: *Passagens*. Organização da edição brasileira de Willi Bolle. Colaboração de Olgária Matos. São Paulo/Belo Horizonte: Ed.UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

CRIST, Eileen. *A pobreza da nossa nomenclatura*. In: MOORE, Jason W. *Antropoceno ou Capitaloceno? Natureza, história e a crise do capitalismo*. Tradução de Antônio Xerxesky & Fernando Silva e Silva. Editora Elefante 2022.

DERY, Mark. *De volta para o afruituro: entrevistas com Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose*. Tradução de Tomaz Amorim. Revista Ponto Virgulina, Edição Temática #1, 2020.

FEDERICI, Silvia. *Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns*. Tradução de Coletivo Sycorax: solo comum. São Paulo: Elefante, 2022.

LE GUIN. Ursula. K. *Floresta é o nome do mundo*. Tradução de Heci Regina Candiani. Morro Branco: 2020.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. Uma leitura das teses ‘Sobre o conceito de História’. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant; Trad. das teses de Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

ROBERTS. Adam. *Defining Science Fiction*. Londres: Routledge, 2000.

NASCIMENTO. Alexandre. T. A. *Reflexões sobre o antropoceno, o paradigma da espécie humana e o seu domínio ilusório sobre a Terra*. Anthropocenica. Revistas de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica 1: pp. 55-69, 2020.